AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

Práticas Ecopedagógicas na Formação de Professores/as[1]

Fabiane Carbonari Menegussi[2]
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente (FAMA) – Brasil
https://orcid.org/0000-0002-5694-7514

Ana Maria de Oliveira Pereira[3]
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6276-4282

Resumo: Este texto tem como propósito apresentar parte da pesquisa de mestrado a qual dedicou-se a compreender como a Ecopedagogia está presente e contribui nas práticas educativas dos/as docentes, que atuam na formação de professores/as. A pesquisa caracteriza-se como exploratória, de abordagem qualitativa e quanto aos procedimentos é uma pesquisa-ação. A parte empírica da pesquisa foi desenvolvida com docentes que atuam no curso de Pedagogia de uma Faculdade no Estado do Paraná, a partir de um encontro embasado nos círculos de cultura freirianos, denominado Círculo Ecopedagógico. Para a análise dos dados foi utilizada como técnica, a Análise de Conteúdo. Destaca-se que apesar do pouco conhecimento dos professores em relação ao tema Ecopedagogia, suas falas e ações em sala de aula evidenciam atitudes ecopedagógicas. Os dados obtidos tornam-se relevantes para instigar a continuidade desta pesquisa ou relacioná-la a outras pesquisas com a finalidade de compreender, difundir e evidenciar as contribuições da Ecopedagogia, nas mais diversas áreas.
Palavras-chave: Ecopedagogia. Práticas Educativas. Formação de professores/as. Círculo Ecopedagógico.

Prácticas ecopedagógicas en la formación docente

Resumen: Este texto presenta parte de la investigación de maestría, enfocada en comprender cómo la ecopedagogía está presente y contribuye a las prácticas educativas de docentes en formación docente. La investigación es exploratoria, con un enfoque cualitativo, y es un procedimiento de investigación-acción.

[1] Recebido em: 28/10/2025. Aprovado em: 12/01/2026.
[2] Graduação em Psicologia pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó), com segunda graduação em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell (Iseed). Mestre em Educação pela Universidade Federal Fronteira Sul - UFFS - campus Chapecó. Experiências profissionais na área de Gestão de Pessoas e como docente no ensino superior, nos cursos de Pedagogia e Administração, na Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA de Clevelândia - PR. E-mail: fabicm.fcm@gmail.com
[3] Pós-doutorado em Educação pela Unochapecó (2021- 2022); pós-doutorado em Educação pela Unochapecó (2025 em andamento) doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social, mestre em Educação, graduada em Geografia. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (mestrado) e do programa de pós-graduação profissional em Educação (mestrado e doutorado) da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Vice-líder do Palavração e Líder do GEPEFORTE. E-mail: ana.pereira@uffs.edu.br

La parte empírica de la investigación se desarrolló con docentes en formación docente, con base en un encuentro basado en círculos culturales freireanos, llamado Círculo Ecopedagógico. El análisis de contenido se utilizó para el análisis de datos. Cabe destacar que, a pesar del conocimiento limitado de los docentes sobre ecopedagogía, sus declaraciones y acciones en el aula demuestran actitudes ecopedagógicas. Los datos obtenidos son relevantes para instigar la continuación de esta investigación o para vincularla con otras investigaciones destinadas a comprender, difundir y destacar las contribuciones de la ecopedagogía en una amplia gama de campos.
Palabras-clave: Ecopedagogía. Prácticas Educativas. Formación Docente. Círculo Ecopedagógico.

Ecopedagogical Practices in Teacher Training

Abstract: This text presents part of the master's research, which focused on understanding how ecopedagogy is present in and contributes to the educational practices of teachers working in teacher training. The research is exploratory, with a qualitative approach, and is an action research procedure. The empirical part of the research was developed with teachers working in teacher training, based on a meeting based on Freirean cultural circles, called the Ecopedagogical Circle. Content analysis was used for data analysis. It is noteworthy that despite the teachers' limited knowledge of ecopedagogy, their statements and actions in the classroom demonstrate ecopedagogical attitudes. The data obtained are relevant for instigating the continuation of this research or for linking it to other research aimed at understanding, disseminating, and highlighting the contributions of ecopedagogy in a wide range of fields.
Keywords: Ecopedagogy. Educational Practices. Teacher Training. Ecopedagogical Circle.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Chapecó/SC, intitulada Ecopedagogia: Promovendo Aprendizagens para Cuidar da Vida na Terra e teve como objetivo construir a compreensão sobre como a Ecopedagogia está presente e contribui nas práticas educativas dos/as docentes, que atuam na formação de professores/as.

Ressalta-se que a perspectiva da Ecopedagogia, proposta por Gutiérrez e Prado (2013), configura-se como uma possibilidade de olhar para as temáticas ambientais a partir de uma visão crítica, reflexiva, relacionada com as questões sociais, políticas, econômicas, de gênero, partindo das ações cotidianas, buscando uma educação para a cidadania planetária, entendendo que todos fazem parte do mundo e compartilham o mesmo espaço.

Dessa forma, entende-se que é possível relacionar Ecopedagogia e Formação de Professores, pois, de acordo com Dickmann *et al.* (2022), a Ecopedagogia extrapola as questões ambientais, reforçando a conexão entre meio ambiente e sociedade. Fundamenta-se em teorias ou práticas que superam o pensamento cartesiano moderno,

sustentando- se em críticas ao patriarcado, capitalismo e à modernidade, entre outras temáticas, entendendo que essa discussão tem relevância e contribui na formação de professores/as, em razão de compreender-se que é fundamental ter profissionais críticos/as, que ensinem e aprendam com seus alunos/as, que problematizem as mazelas da sociedade, que promovam o diálogo, que compreendam a educação como "uma forma de intervenção no mundo", como preconiza Freire (2021, p. 96).

A partir dessa premissa, a problemática que conduziu a pesquisa que deu origem a este texto, foi: Como a Ecopedagogia está presente e contribui nas práticas educativas dos/as professores/as que atuam no curso de Pedagogia, de uma Instituição de Ensino Superior que prioriza a Educação Ambiental? Dessa forma, com a coleta de dados empíricos e a análise desses dados, buscou-se identificar práticas educativas ecopedagógicas, no fazer docente dos participantes da pesquisa, especificamente na formação e atuação de professores/as.

Além desta introdução, o texto possui mais 4 seções. Na segunda seção apresenta-se a metodologia utilizada na pesquisa. A terceira seção contempla a fundamentação teórica já a análise dos dados obtidos na pesquisa empírica apresentaremos na quarta seção. Por fim, apresenta-se as considerações finais.

CAMINHO QUE CONDUZIU A PESQUISA

A pesquisa, de caráter exploratório, teve abordagem qualitativa e procedimentos que a caracterizaram como pesquisa-ação.

A metodologia utilizada para a coleta de dados foi denominada "Círculo Ecopedagógico", tendo por base o círculo de cultura freiriano. Para a atividade foram convidados/as docentes que trabalham no curso de Pedagogia, sendo que cinco dos docentes do curso prontificaram-se a participar. A condução do trabalho foi realizada de maneira híbrida, ou seja, dois docentes participaram presencialmente e outros/as três docentes participaram de maneira síncrona, via plataforma *Google Meet*. Os/as demais docentes informaram que não tinham disponibilidade para participar na data agendada pela pesquisadora. Para garantir o sigilo, conforme orientação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), os/as participantes foram identificados/as nesta pesquisa como Docente com os números de 1 a 5.

Com o objetivo de analisar os dados empíricos obtidos, utilizou-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). Para a autora, o material a ser analisado deve ser codificado, ou seja,

> a codificação corresponde a uma transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer ao analista acerca das características do texto (Bardin, 1977, p. 103).

No Quadro a seguir, apresenta-se a síntese dos elementos que constituem a categoria Formação de Professores/as, desdobrada em Unidades de Contexto e Unidades de Registro, elencadas de acordo com as etapas indicadas por Bardin (1977) para realizar a análise de conteúdo.

As discussões que iremos apresentar no texto, estão relacionadas a categoria Formação de Professores, a qual está sintetizada no quadro 01.

Quadro 1 - Síntese da Categoria de Análise: Formação de Professores/as

Categoria	Unidade de contexto	Unidade de registro
Formação de professores/as	Ensino/Sala de aula	Interculturalidades
	Práticas Ecopedagógicas	É processo e tentativa
		Pequenas ações/microrrevoluções
	Prática não ecopedagógicas	Heurística do temor
	A Ecopedagogia na sala de aula	Lutas sociais
		Em processo de aprendência
		Desconstrução
		Diversidade e singularidade em sala de aula
		Cuidadania e Ecopedagogia

Fonte: Elaboração da autora (2023).

ECOPEDAGOGIA

No Brasil, Moacir Gadotti, Carlos Brandão, Jason Mafra, Leonardo Boff e Ivo Dickmann são autores referência nos estudos sobre a Ecopedagogia. As discussões iniciaram com Gadotti, Paulo Freire e Cruz Prado, a partir da "necessidade de se investigar e promover uma pedagogia adequada ao novo paradigma científico e socioambiental" (Nepomoceno; Lindino, 2019, p. 16). Por sua vez, as publicações de

Paulo Freire continuam sendo subsídios para construir novas compreensões e estratégias para as práticas educativas ambientais.

Dickmann (2022) afirma que a Ecopedagogia é uma filosofia Latino Americana, que apresenta uma forma de ver o mundo, uma concepção de mundo e de como agimos nele, ou seja, é olhar o mundo, perceber os problemas e tentar (re)construir alternativas sustentáveis para garantir a vida no planeta.

No contexto educativo, entende-se a relevância da Ecopedagogia porque "ela é uma pedagogia para a **promoção da aprendizagem** do *sentido das coisas a partir da vida cotidiana*. Encontramos o sentido ao caminhar, vivenciando o contexto e o processo de abrir novos caminhos, não apenas observando o caminho" (Gadotti, 2000, p. 79-80). O processo educativo, que visa entre outras situações a *cuidadania* ambiental, deve problematizar as situações cotidianas com o objetivo de construir novos caminhos, novos entendimentos, questionando o que é apresentado como verdade absoluta, como única possibilidade, ressignificando e buscando alternativas, baseado numa "relação democrática e solidária" (Gadotti, 2000, p. 80).

CONSTRUINDO PRÁTICAS ECOPEDAGÓGICAS NA AÇÃO DOCENTE

Considerando a análise realizada, a partir das falas dos/as docentes participantes do Círculo Ecopedagógico, as quais foram elencadas na categoria Formação de Professores, constatou-se que diversas contribuições da Ecopedagogia estão presentes nas práticas docentes, evidenciadas nos recortes das falas que compuseram as unidades de registro.

Nesse contexto, algumas das questões apresentadas para guiar a discussão do Círculo Ecopedagógico sugeriam que os/as docentes citassem exemplos sobre a maneira como desenvolvem determinados temas na sua prática profissional, em sala de aula, nos projetos ou nas pesquisas desenvolvidas. Apresenta-se a fala do Docente 4, onde menciona que:

> Na aula de história da educação Brasileira, logo no início do semestre, eu comecei a trabalhar os jesuítas, a chegada dos europeus e a colonização dessa terra tupiniquim pelos europeus. E, aí eu tentei colocar sob a ótica indígena, o que era você indígena numa terra, você com seu modo de vida, um navio na sua frente com gente maltrapilha descendo daquele negócio, fedida, muito magra, doente, chegando na sua terra, o seu local, onde você vive. Tentei colocar assim para começar a desconstruir as ideias que nós temos do europeu chegando altivo, desconstruir essas ideias para começar a ter uma nova visão, ter um novo... E como eu trabalho muito com essa ideia, eu volto

> lá no início, que eu estava dizendo de reconstruir o ser humano em contato com o meio ambiente, para começar a pensar esse contato com a natureza de forma diferente. É um olhar diferente. Os indígenas poderiam facilmente, aquele primeiro aglomerado de pessoas que chegaram, os europeus, afogar ali. Eram pessoas desnutridas, completamente debilitadas por meses de viagem no oceano e chegavam doentes. Eles afogavam, pronto, acabou, vamos continuar nossa vida aqui, mas não. Receberam, ensinaram o que podia comer, o que não podia comer, de como viver nessa terra tupiniquim, então essas coisas tem que começar a... e eu penso assim, que é uma Educação Ambiental também, você colocar a visão intercultural dos outros povos e a Educação Ambiental, ela só vai funcionar partir do momento que a gente conseguir ver as multivisões que temos da natureza, e olhar de uma forma desarmada, ou dizer que uma é superior a outra, então, é nesse sentido, só para citar um exemplo, então de como eu faço isso em sala de aula, como é que eu realizo lá, para despertar essas interculturalidades (Docente 4).

Entende-se que, com esse exemplo, o docente busca estimular a compreensão e o respeito dos povos originários, propiciando um entendimento mais aproximado da realidade, com a intencionalidade que os/as profissionais em formação desconstruam, re-construam e/ou ressignifiquem conhecimentos, visando a sua atuação como docentes. Essa temática, de maneira transversal, trabalha com a Educação Ambiental e, em vista disso, aproxima-se da Ecopedagogia quando promove a reflexão e a valorização da diversidade cultural, possibilitando aprender com os povos originários que "a natureza é um sujeito vivo, está carregada de intencionalidades. Não é, como para os modernos, algo objetal, mudo e neutro" (Boff, 2015, p. 181).

Sobre a questão da interculturalidade, o Docente 3 sinaliza, ainda, que:

> Mas alguém, em algum momento, se apropria do conhecimento do outro, busca colonizar esse conhecimento. Então tem que ver que é o que acontece com a natureza. Em algum momento o homem se apropria desse espaço, pensa que é dele, que ele pode fazer o que ele quer, e é por isso hoje estamos vivendo essas condições ambientais, planetárias, por conta da ação do homem sobre ela, sem uma consciência e sem o respeito por ela, que é o que acontece também no processo de colonização do nosso país, e o que fizeram alguns povos originários, que por mais que eles tenham inicialmente acolhido, em algum momento esse processo foi invertido e teve uma busca de impor um conhecimento que era europeu e de impor ao conhecimento que descaracterizou e desconsiderou, que aí entra lá no trabalho que o docente 1 está fazendo em suas pesquisas, por favor, ouçam as comunidades tradicionais. [...] Gente, os saberes das comunidades tradicionais eles são fundamentais para nossa vida em sociedade, para a manutenção das nossas condições básicas, porque eles têm muito a nos ensinar e as próprias leis ambientais desconsideraram isso. [...] o conhecimento que o docente 1 traz, agora é uma urgência, é um respeito necessário, uma consideração, e mais do que isso, é fazer com que isso aconteça e vire política pública realmente para que tenha uma proteção, tenha uma salvaguarda desse conhecimento, porque senão a gente, trata ali com a interculturalidade, existe uma discussão teórica, mas na prática não existem interculturalidade, existe um processo de colonização e recolonização constante. Então quando a gente fala de temas ambientais, como trazer um pouquinho de experiências em sala de aula eu prego muito nessa perspectiva crítica mesmo, de entender esses espaços e de

> acessar esses espaços. Agora, com a curricularização da extensão vai ser mais possível esse acesso aos espaços, porque está prevista visita, por exemplo, aos parques naturais, visita a comunidade quilombola em Palmas, visita a reserva Alto Pinhal, então a gente vai a campo para ver isso acontecer e a gente vai fazer a leitura prévia, a gente vai estudar, mas a gente vai para ouvir, a gente não vai para intervir, a gente não vai julgar, a gente vai para aprender. Então acho que com o movimento para acontecer nesse respeito aos diferentes saberes, as diferentes formas de conhecimento e entender esse processo da FAMA mesmo, que busca esse eixo da ambientalização dos espaços educativos sustentáveis é isso, acho que sustentabilidade está nisso também, de você conseguir entender que estamos em um processo de construção de saberes e que todos os saberes são importantes, nenhum é mais ou menos do que o outro (Docente 3).

A harmonia ambiental é um item de referência quando se trata da Ecopedagogia. Gutiérrez e Prado (2013, p. 34) afirmam que "precisamos voltar os olhos a nós mesmos a fim de recobrar essa harmonia que devemos ter com a natureza como indivíduos e como grupos, etnias, povos e conjunto de nações". Isto está presente na fala do docente, a partir dos exemplos apresentados, sendo que se pode afirmar que esses docentes estão construindo práticas ecopedagógicas por meio das temáticas abordadas em sala de aula, ou com a intencionalidade prevista nas ações de curricularização de extensão, formalizada e incluída na matriz curricular do curso de Pedagogia, no ano de 2023.

Gutiérrez e Prado (2013, p. 34) consideram, ainda, que:

> a recuperação harmônica supõe uma nova maneira de ver, focalizar e viver nossas relações com o planeta e com tudo o que essa consciência planetária supõe: tolerância, equidade social, igualdade de gêneros, aceitação da biodiversidade e promoção de uma cultura da vida a partir da dimensão ética.

Assim, compreende-se que os exemplos apresentados se configuram como possibilidades de trabalhar pedagogicamente, a partir de questões do cotidiano, tendo em vista uma aprendizagem com sentido e significado para os/as acadêmicos/as, pois esta é a essência da Ecopedagogia.

Considerando o contexto ambiental e as práticas ecopedagógicas desenvolvidas no curso de Pedagogia, na instituição de Ensino Superior pesquisada, o Docente 3 afirma que:

> (...) eu entendo que a gente precisa, mesmo vendo que o cenário não favorável, que as nossas pequenas ações, as nossas micro revoluções, a nossa gotinha no oceano ela pode gerar um impacto, por menor que seja, mas que pode transformar um espaço ou um pequeno coletivo que vai reverberar em outros coletivos. Eu acho que é isso que a gente tem feito aqui no curso de Pedagogia, é isso que a gente tem feito com as atividades extensionistas, a gente tem sido aquela gotinha no oceano, tentando e acreditando, apesar de saber que existe uma construção teórica, mas a gente tem se alicerçado em algumas, para fazer com que as nossas ações, elas reverberem em transformações, em revoluções (Docente 3).

O Docente 1 concorda que:

> A gente não pode se tornar inativo, apesar de uma pressão externa que tenta nos abalar. Que a gente viva de micro revoluções. Eu acho, que do ponto de vista de micro revoluções, elas fazem muito mais de baixo para cima, que de cima para baixo. Como nós, como cidadãos, como sociedade, que a gente tome decisões coletivas que vá para cima, e não esperar uma política pública que vem de cima para baixo (Docente 1).

Para o Docente 2:

> (...) pensando nesse sentido, ouvindo vocês acho que temos que focar naquilo que a gente vem desenvolvendo, por mais que às vezes seja pequenas revoluções, coisas que aos olhos da sociedade pareça muito pequeno, mas que às vezes são as sementinhas que vão sendo plantadas, que vão ficando (Docente 2).

Essas falas remetem à afirmação de Gadotti (2000, p. 121), para o qual "a partir de manifestações simples da cotidianidade, podemos descobrir e enfrentar a complexidade das questões mais amplas e gerais da humanidade", ou seja, é necessário pensar e agir local e globalmente, sem estabelecer uma relação de primazia de uma em detrimento da outra, entendendo que mudanças consideradas simples podem ser grandes agentes de transformação. Considerando também que, de acordo com Dickmann e Carneiro (2021, p, 165), "é preciso refletir criticamente sobre a realidade, posicionar-se curiosamente diante do mundo em seus diversos aspectos – sociais, políticos, ideológicos, éticos, estéticos, culturais e ambientais", uma vez que essas ações ocorrem a partir de uma *práxis*.

A relevância desse diálogo é evidenciada quando Freire (2021, p. 40) afirma que "na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática". Isso mostra a importância de se fomentar momentos como o proporcionado pelo Círculo Ecopedagógico, visando a reflexão e o compartilhamento de entendimentos, para contribuir com a ação docente.

Sobre o questionamento a respeito das contribuições das práticas ecopedagógicas na formação de professores, o Docente 3 chama a atenção que:

> Acho que a gente tenta, não sei se efetivamente a gente dá conta disso, porque é entender que existem interesses diversos nesse processo e talvez o que eu pense que é uma atenção, um zelo com o outro não seja para o outro isso. Entendo que são muitas vias, acredito que a gente tenta sim fazer isso, mas não sei se a gente tem esse alcance, é processo, como eu falei anteriormente. E assim, estamos em aprendizagem, fazendo, com essa preocupação desse cuidado com o outro, com atitudes cuidadosas, mas

> depende do outro dizer isso para você. Se está sendo validado pelo outro (Docente 3).

Essa fala considera que as práticas que estão sendo desenvolvidas e foram caracterizadas como ecopedagógicas são um processo, são tentativas e, nesse sentido, é importante atentar para o que Gadotti (2000, p. 46) alerta quando afirma que "O professor não é mais o que sabe e o aluno, o que aprende. Ambos, em sessões de trabalho, aprendem e ensinam com o que juntos descobrem".

A sociedade valoriza muito os resultados, em contrapartida, a Ecopedagogia apresenta a importância de olhar para o processo, para como o caminho foi construído e a forma que se avalia esse processo. Isso exige mudanças na atuação docente, tendo em vista o perfil, as ações e comportamentos dos/as alunos/as, porque "valer-se dos processos educativos para construir a cidadania planetária como novo entorno vital exige mudanças substantivas em sua vida, tanto no plano pessoal, como em suas relações em nível institucional e organizacional" (Gutiérrez; Prado, 2013, p. 81). Assim, torna-se válido ouvir os/as estudantes para se compreender como e se eles/as evidenciam contribuições dessas práticas ecopedagógicas.

Por outro lado, exemplificando sua atuação, o Docente 4 aponta que:

> (...) uma abordagem que eu tenho feito, a partir da heurística do temor do Hans Jonas. A ideia é: para você gerar uma preocupação de cuidado, um alerta que você tem que cuidar, você tem que dizer, por que é que você está gerando esse cuidado. A heurística é uma espécie de contexto, em que a vida está ameaçada e eu acho que nós estamos vivendo esse contexto agora e não é uma visão negativa, é a mais realista possível, estamos com a vida colocada em suspenso, graças a nossa forma de viver nesse planeta. Então, a primeira coisa é colocar a relação do ser humano com a água, a relação com a produção dos alimentos, a relação do ser humano com os transgênicos. Eu faço justamente isso, faço um bimestre inteiro, a partir desses dados aqui e busco artigos científicos e tal, justamente no sentido de fazer criar um... despertar um estalo que alguma coisa está errada. Essa eu acho que é a primeira coisa, eu faço uma heurística do temor, não para gerar uma imobilidade, mas para gerar uma consciência de que algo está errado e precisamos dessa condição, aí precisamos de Educação Ambiental, precisamos de cuidado, precisamos de preservação do planeta, precisamos de microrrevoluções, que vai gerar no ser humano um cuidado com o meio ambiente. A nossa relação com o plástico, por exemplo... O plástico foi criado há 300 anos atrás, e no entanto ele leva 400 a 500 anos na natureza para decompor, ou seja, primeiro plástico que foi criado, ainda não decompôs e nós já estamos criando ilhas inteiras no oceano de plástico. Eu pego por aí mesmo, criar uma heurística do temor para gerar um cuidado. Tem um livro muito interessante do Bruno Latour, que chama Onde aterrar? É um alerta, nós temos de 20 a 50 anos de natureza, nós preservamos ou estamos destruindo a vida de onde ela surge. Estão criando foguetes para sair do planeta, uma espécie de nova arca de Noé, e a pergunta é, quem que vai estar dentro dessa arca de Noé? Nós temos esse planeta, temos que cuidar é dele e

> não pensar em sair do planeta e procurar luas de Saturno, ou colonizar Marte, não temos que cuidar aqui e agora (Docente 4).

No mesmo sentido, também o Docente 1 pontua que:

> Eu tento fazer sem querer, eu acho que bate um pouco com essa lógica, mas minha atividade hoje, quando vou ensinar Educação Ambiental do ponto de vista conceitual, a primeira pergunta que eu hoje eu faço com os alunos, se eles cuidam os próprios corpos. Como é que você vai querer tratar de cuidar do planeta se as pessoas não cuidam de si mesmas? Porque o que a gente vê pela estatística hoje são doenças crônicas em altíssimos níveis, obesidade, abuso, de qualquer tipo de elemento que possa gerar um comportamento de vício e, enfim, as pessoas estão doentes. Se vê na sala de aula, você vê pessoas com doenças crônicas do diabetes desde obesidade, que é bem frequentes, a gente vê isso no dia a dia, e aí vem aquela questão, como cuidar do planeta se a nós, como entidade individual, a gente não deixa de ser um organismo, digamos assim planetário, que aqui dentro tem zilhões de células, enfim, só muda a dimensão. Eu realmente fico provocando a sala nesse aspecto, porque sem amor próprio, como é que se vai cuidar do outro. E não quero fazer uma analogia que quem tem uma doença crônica não tem amor próprio. Existem zilhões de casos que não se aplica, mas o que a gente vê é um padrão disso. É culpa da pessoa? Eu não acho que é culpa da pessoa, acho que isso é um distanciamento de formação educativa, porque quanto mais informação, mais engajamento, mais aprendizados que tu tem, eu acho que o reflexo do cuidado, do auto cuidado ele se intensifica. Então para mim mostra na verdade, uma certa falência do nosso mecanismo de educação, informação. A gente vê adultos, aí dando um exemplo Fama, mas vocês podem ver no dia a dia de vocês, nas faculdades onde trabalham, no trabalho, a gente vê o mundo doente em tese. E eu como provocação, pegando esse exemplo do docente 4, pergunto isso, para ver se as pessoas já começam pensando, será que eu cuido de mim mesmo? É uma provocação que sim, ela gera tensão e, com certeza gera contra- argumentos e isso é muito positivo, mas quando você vai falar sobre vamos se preocupar com o meio ambiente, aí a pessoa vai olhar assim, mas eu estou nem aí. O meu maior desafio hoje é fazer romper com meus alunos essa compreensão de não pertencimento. Então eu começo por esse exemplo, que acho que é essa ideia do zelo, com outro e gera um bom debate. Às vezes gera a sensação de culpa, às vezes sensação de raiva, é muito comum. Os alunos têm essa raiva inicial, porque não deixa de mexer com o ego das pessoas, dependendo do caso, mas eu vejo com o primeiro passo (Docente 1).

Os exemplos, apresentados pelos Docentes 1 e 4, foram consideradas práticas não ecopedagógicas, uma vez que a Ecopedagogia entende a ação docente como mediação pedagógica que, de acordo com Gutiérrez e Prado (2013, p. 69) refere-se à capacidade de

- sentir, intuir, vibrar emocionalmente (emocionar);
- imaginar, inventar, criar e recriar;
- relacionar e interligar-se, auto-organizar-se;
- informar-se, comunicar-se, expressar-se;
- localizar, processar e utilizar a imensa quantidade de informações da "aldeia global";
- buscar causas e prever consequências;
- criticar, avaliar, sistematizar e tomar decisões;
- pensar a totalidade (holisticamente).

Assim, entende-se que a prática docente não seja desenvolvida por meio do

medo, da culpa, da raiva e do pessimismo, mas orientando-se na perspectiva freiriana, com amorosidade, diálogo, cuidado, humanização, respeito, ética, pois, de acordo com Freire (2021, p. 140), "a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje". Além disso,

> Os educandos são [...] seres humanos em construção, inacabados; e à Educação cabe torna-los mais humanos, nas descobertas que vão fazendo do mundo, no diálogo com os educadores, no cotidiano da vida, nas vivências diárias, nas relações consigo mesmo, com os outros e com a natureza (Dickmann e Carneiro, 2021, p. 179).

Buscando trazer para a discussão o olhar ecopedagógico que considera a diversidade, a singularidade dos sujeitos, o Docente 3 afirma que:

> Olhar para eles na sua diversidade, na singularidade, respeitar essa diversidade e considerar isso quando eu fizer a heurística do temor, eu acho que é fundamental, porque aí talvez a gente tenha um alcance maior, porque afinal vai ser uma aula para eles, não a partir daquilo que eu penso que vai fomentar a discussão com eles, ou que vai fazer a consciência, pode ser muito mais, talvez, agressivo do que acolhedor, ou que aproximem. Eu tenho receio disso, porque eu vejo que a gente tem muitos problemas sociais, culturais, dentro de sala de aula, que estão o tempo todo ali se apresentando e a gente vem muitas vezes com a nossa teoria... E eu digo isso porque eu me coloco nesse lugar também de, muitas vezes, falar algo que nem sempre deveria ter ser dito naquele momento, mas que eu preciso me colocar num processo de conhecer e saber quem são e para quem é aquilo que eu estou trazendo enquanto conteúdo (Docente 3).

Nesse panorama, compreendendo-se que a Ecopedagogia está presente na sala de aula ao se abordar conteúdos relacionados às lutas sociais, o Docente 2 comenta:

> (...) eu acho que sempre que a gente está trabalhando, que a gente está em sala de aula, nos diferentes componentes que a gente atua, sempre a gente vai estar se remetendo a essas lutas sociais, porque quando nós estamos lá trabalhando, por exemplo, o currículo e a gente vai discutir as questões que perpassam o currículo, que são relações de poder, de desigualdade, por uma perspectiva mais crítica, de certa forma, nós estamos trazendo esses debates que são os nossos espaços, enquanto educadores, de luta. Então, esse é o espaço que eu, enquanto educadora, tenho para também fazer a minha luta social, para eu despertar ou problematizar, pensar a partir das problemáticas que existem. Então, eu entendo que sim, que a gente constantemente faz isso, nos espaços em que a gente atua, na sala de aula, seja na educação básica, ou no Ensino Superior, porque o nosso posicionamento, a nossa forma enquanto professor/a enquanto educador/a, ela também é uma luta social. Ou seja, a partir do momento que a gente não concorda ou não respalda ações negativas, ou que pelo menos tenta mostrar um outro lado, eu acho que também são espaços que a gente ocupa (Docente 2).

De acordo com Gadotti (2000, p. 172), "aqui entra o papel importante da educação, da formação para a cidadania ativa", e de maneira ecopedagógica uma *cuidadania* ativa, entendendo-se que "o lugar privilegiado para que essas

transformações comecem a acontecer, é a escola" (Dickmann e Carneiro, 2021, p. 142). A sala de aula, nos diferentes níveis de ensino, é o espaço propício para dialogar e problematizar coletivamente temáticas relacionadas às lutas sociais, uma vez que o professor/a, atuando como mediador pedagógico, pode apontar caminhos, discutir possibilidades de aspirar o novo, de ressignificar e reconstruir entendimentos. Neste viés, "a Educação assume um caráter eminentemente liberador no desvelamento do mundo, pelo ato do conhecimento (Dickmann; Carneiro, 2021, p. 155), levando-se em conta que os sujeitos são constituídos historicamente, cada um tem sua leitura de mundo, suas experiências que devem ser consideradas.

À vista disso, o Docente 2 ainda sinaliza a dificuldade de abordar e praticar ações ecopedagógicas na sala de aula:

> Então, eu entendo que sim tenho feito, mas não com facilidade ou tranquilidade, mas sim em processo constante de aprendência, de saber, que eu preciso ir lá pedir desculpa porque aquilo que eu falei talvez não foi o melhor momento, ou deveria ter falado de outra forma, então o processo é esse, está ali, sempre, em construção. É difícil (Docente 2).

Já o Docente 4 destaca:

> Eu falo para eles, que eu sou um machista em desconstrução, porque eu venho de uma criação em que o mais machista na minha família [...] era minha mãe. Era minha mãe que me cobrava as posturas masculinas, de macho, não chorar, se você brigar na escola e apanhar você vai vir aqui e apanhar também, não me venha chorando... Algumas coisas que são arraigadas em nós que agora a gente está em choque, e tem que desconstruir mesmo, para se tornar um ser humano melhor (Docente 4).

O Docente 2 ainda exemplifica como aborda determinados conteúdos em sala de aula:

> Só para ser bem pontual num componente curricular que eu trabalho, trazendo o ensino, a gente trabalhava muito a questão de desigualdade social, mas especialmente quando a gente fala das questões de raça e gênero. Trazendo os conteúdos trabalhados, a gente trabalhou o conteúdo de gênero em sala de aula e as nossas turmas são de 90% mulheres, mas nós também temos aluno trans, aluno homossexual, então foi um tema muito debatido, especialmente porque a turma comtempla essa diversidade. Da mesma forma, a gente entrou agora no conteúdo raça, de nos entendermos enquanto racistas, de termos essa consciência de que somos e precisamos aprender historicamente com quem produz conhecimento a partir desse lugar, por exemplo, de desconstrução e de busca por entender essa história que não se conta no livro didático. A gente está nesse processo de construção dessa ideia de raça, de entender a partir de dados, porque é que tem que se discutir isso em sala de aula, e porque elas estão na formação em pedagogia, discutindo isso em sala de aula, educação, saúde, corpo e como que isso vai afetar o fazer docente delas em sala de aula. Trabalhamos também sobre violências, violências na infância e não apenas crianças vítimas de vários tipos de violências, mas também pessoas com deficiência que sofrem violências, mulheres vítimas de violência, idosos vítimas de violência, entendendo que a

> pedagogia não é uma pedagogia apenas voltada para educação básica, mas é uma pedagogia também para espaços não formais, então são temas recorrentes, muito debatidos e que os alunos são muito engajados porque sentem essa necessidade, essa falta, e isso gera muitos depoimentos de muitos processos de sofrimento e de violência que eles sofrem constantemente. É falar sobre o que somos, por isso que eu digo, quando a gente volta lá para o cuidado, o como a gente faz essa mediação é extremamente delicado, extremamente complexo, mas quando a gente cuida do outro e pergunta, por exemplo, como você quer ser chamado ou como você se sente respeitado, acho que esse lugar de aprender com ele, o melhor para ele, eu acho que talvez seja um lugar de construção nossa, de desconstrução também desses preconceitos, desses processos que são socialmente, culturalmente apreendidos por nós, mas de respeito a esse outro. Mas é um lugar sempre delicado e que muitas vezes não acontece o debate nas salas de aula. Vejo que a gente fala muito que ser professor é um posicionamento político, mas eu estou sendo político em sala de aula mesmo, quando eu vou dar minha aula e eu esqueço esses temas que a gente considera transversais, que talvez teriam que ser centrais. Nem sempre a gente toca nesses temas, porque para nós é difícil porque não aprendemos a falar sobre isso (Docente 2).

Essas falas remetem a Freire quando afirma que é necessário levar em conta a "compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados [...] Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa" (Freire, 2021, p. 25). Isso evidencia a complexidade da ação docente, pois exige humildade para reconhecer erros, equívocos, e também a riqueza de reflexões e *insights* que são possíveis e necessários nesta atuação, porque enquanto seres inacabados a mudança é possível, tanto para educadores/as como para aprendizes.

Nesse contexto, "a Educação é uma teoria do conhecimento colocada em prática, pois implica postura de questionamento epistemológico do educador diante do mundo, exige dele uma concepção de como vai construir conhecimento com os educandos" (Dickmann; Carneiro, 2021, p. 152). O entendimento de estar em processo de desconstrução, de encontrar dificuldades não significa uma fragilidade do professor, mas, uma consciência de inacabamento com postura crítica e práxica.

Ainda, considerando a Ecopedagogia na sala de aula o Docente 1 exemplifica que:

> (...) a questão dessa cidadania planetária, a discussão sobre os preconceitos, raça, gênero... o que eu gosto muito de fazer é trazer os dados e também o que eu aprendi com a história, por exemplo, o gênero é uma coisa que eu sempre trago os exemplos em sala de aula e falo com a maior naturalidade, eu espero que com a diminuição real do preconceito em relação a gênero, por exemplo, a gente se torne, querendo ou não, uma Grécia antiga. E sempre aviso as pessoas que a tendência é essa, eu falo isso muito em sala de aula, na faculdade, não falo isso para o Ensino Fundamental, mas eu sempre mostrei e expliquei que, na história, a sexualidade, especialmente na greco-romana, ela era tratada de uma maneira extremamente aberta. E tratar de sexualidade sem tabus e dilemas é algo que deveria ser intrínseca, inerente dentro das famílias,

dentro da faculdade, sem qualquer preconceito. Sexualidade para mim, é algo biológico, assim como o gênero e intergêneros, ou transgêneros, é algo extremamente natural e falo isso com uma certa indiferença, mas é uma indiferença não preconceituosa, eu digo indiferença porque eu falo como se tivesse falando aqui entre nós, e eu acho que essa indiferença quando a gente fala como professor, provoca também, especialmente quem não concorda. Por exemplo quando eu dou meus exemplos em sala de aula e eu vou falar algum dado, vou falar sobre famílias, muitas vezes meus exemplos são famílias de um casal, um casal de homens, um casal de mulheres, eu falo ou lésbicas ou gays, ou uma família heterossexual. Eu sempre uso esses exemplos porque são famílias acima de tudo, independente de qual é o sexo que está ali e eu falo isso com uma naturalidade que eu chamo de indiferente, mas eu sei que lá com meus alunos, provavelmente alguém vai se sentir provocado. E eu acho que se a gente vai levando isso. Eu vejo com uma perspectiva pessoal, mas se a gente vai tratando isso no dia a dia, que essa é a realidade do planeta historicamente apesar de viver num país extremamente machista, e que nem diz Marco Ribas, compositor brasileiro "Nunca vi país de machista para ter tanto gay". Ele canta isso na música dele, isso na década de 80. Esse é o Brasil, a gente tem que romper os preconceitos, se você quer ter uma cidadania, uma visão planetária. [...] A gente tem que sempre estar baseado nos fatos. O que eu faço, por exemplo, em Clevelândia eu falo, Clevelândia é uma cidade, coronelista historicamente, que boa parte das razões da desigualdade social dela se deve justamente a essa visão coronelista, que sempre se formou aqui no sudeste do Paraná e que gerou uma desigualdade absurda, onde pequenas famílias concentram a renda e isso fez com que, historicamente, desde a década de 40, aumentasse, explodisse a desigualdade social, assim como êxodo urbano da cidade, por isso que ela vem diminuindo. Isso são dados. Eu não fico falando, provocando, mas cito o exemplo de Clevelândia, exemplo de Palmas, o exemplo, até de Abelardo Luz eu acho que historicamente também teve, então eu faço provocações baseadas em fatos, para que os professores tente se apropriar de que eles fazem parte dessa realidade, por exemplo, nossos acadêmicos da fama fazem parte para a realidade de uma cidade que, historicamente é extremamente desigual, que fazem parte de um país que historicamente é absurdamente desigual, do mesmo jeito que faço provocações, não falando mal do Brasil, país subdesenvolvido, mas o Brasil é um país subdesenvolvido mais desenvolvido dos subdesenvolvidos. Assim como quando eu falo dos Estados Unidos que é o país mais desigual dos países ricos. A desigualdade social que existe lá é gigantesca, tem pessoas que vivem distantes de qualquer formação educativa, assim como no Brasil, só que a diferença é que lá tem um PIB de um trilhão, gigantesco, mas são dados. Então eu acho que essas provocações, não sei se funcionam, mas ao menos eu espero que os meus alunos que vão se tornar professores, no caso de pedagogia, elas tenham noção da dessa apropriação do local, do regional, pensando já aqui sul do Brasil, mas também que consigam absorver, para poder falar exemplos a nível planetário, tanto que eu trago muito dado do wall World in day para eles, sempre trago um monte de gráfico para ele sentir daquele site, que é o nosso mundo em dados que é uma iniciativa global para tentar mostrar padrões no planeta para eles verem, notarem, para terem embasamento para uma discussão técnica. E eu acho que quando você tem ferramentas e informação que permitam fazer generalizações locais, regionais ou até mesmo globais, aí você consegue ter uma opinião crítica. O que eu prego então, como resumo da ópera, é evitar generalizações baseadas em achismos, porque eu acho que isso é uma grande armadilha nos dias de hoje. Experiências próprias não refletem as decisões globais ou nacionais, isso é um perigo nos dias de hoje, especialmente com Fake News. Eu acho isso... O planeta funciona assim... o Brasil funciona assim... Clevelândia funciona assim, Santa Catarina funciona assim. Não, tem inúmeros dados e fatores. Eu acho que essas provocações, junto com esses

> dados, contribui, espero, na minha inocência, que deva contribuir para essa atitude crítica dos professores que a gente está formando (Docente 1).

A fala do docente remete "a percepção de mundo, de forma crítica e comprometida, exige uma postura de superação da ideia de que nada podemos fazer frente à realidade como aí está" (Dickmann; Carneiro, 2021, p. 126), uma vez que "assim como os seres humanos, o mundo também é inacabado e que a sociedade e natureza são dimensões de um mesmo todo; por isso, há uma responsabilidade ética nas ações com desdobramento em ações socioambientais" (Dickmann; Carneiro, 2021, p. 125). Este é um dos pontos fundamentais da Ecopedagogia, olhar para a realidade cotidiana, sem preconceito ou discriminação e, de maneira crítica, respeitosa e ética, por meio do diálogo, da valorização de todas as formas de vida, com consciência planetária, aprendendo e ensinando, promover mudanças de atitudes, de comportamentos. Ao se fazer, visa-se a transformação por meio da *práxis*.

Na categoria apresentada neste texto, trouxemos exemplos de práticas que estão sendo construídas na perspectiva ecopedagógica. Compreende-se que elas contribuem para a formação de professores/as e espera-se que esses/as profissionais construam ações ecopedagógicas em sua atuação, tendo em vista o item 6 da Carta da Ecopedagogia:

> A Ecopedagogia não se dirige apenas aos educadores, mas a todos os cidadãos do planeta. Ela está ligada ao projeto utópico de mudança nas relações humanas, sociais e ambientais, promovendo uma educação sustentável (ecoeducação) e ambiental com base no pensamento crítico e inovador, em seus modos formal, não formal e informal, tendo como propósito a formação de cidadãos com consciência local e planetária que valorizem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações (Gadotti, 2000, p. 185).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa relatada neste artigo foi construída com o intuito de evidenciar como a Ecopedagogia está presente e contribui nas práticas educativas dos/as professores/as, que atuam no curso de Pedagogia, de uma Instituição de Ensino Superior que prioriza a Educação Ambiental. No intuito de buscar elementos que pudessem responder a essa problemática, o objetivo geral, que conduziu o estudo, foi construir a compreensão de como a Ecopedagogia está presente e contribui nas práticas educativas dos docentes que atuam na formação de professores/as.

Com a análise dos dados empíricos, foram evidenciados diversos exemplos

sobre como a Ecopedagogia vem sendo trabalhada em sala de aula, talvez não com esta denominação, mas, nesta perspectiva. E, em contrapartida, exemplos de práticas que não são ecopedagógicas. Assim, constatou-se práticas que se aproximam e outras que se distanciam da Ecopedagogia.

A partir das falas dos/as docentes foi possível compreender que a Ecopedagogia contribui com a formação de professores. É possível afirmar que as contribuições são quando a Ecopedagogia embasa suas ações na *práxis*, entendendo que os/as professores/as em formação, inicial ou continuada, utilizam-se da teoria para sustentar sua prática e, que isso, proporciona reflexões para a construção de uma nova prática, tendo em vista as mudanças que ocorrem durante o caminho. Destaca-se ainda, que esta prática valoriza o processo de ensino e aprendizagem, partindo do cotidiano, buscando impregnar as ações de sentido e significado, e não somente apreciar os resultados.

A Ecopedagogia contribui também, quando apresenta o conceito de *cuidadania* planetária, considerando a necessidade de "desenvolver a atitude de observar a presença de agressões ao meio ambiente, criar hábitos alimentares novos, observar o desperdício, a poluição sonora, visual, a poluição da água e do ar etc. e intervir no sentido de reeducar o habitante do planeta" (Gadotti, 2000, p. 132), ou seja, cuidando da vida no e do planeta, "princípio que deve orientar nossas vidas, nossa forma de pensar a escola e a pedagogia" (Gadotti, 2000, p.133).

As contribuições para a formação de professores estão presentes também quando a Ecopedagogia instiga o olhar crítico que visa "interrogar profundamente sobre os paradigmas que nos orientaram até hoje e ensaiar a vivência de um novo paradigma, que é a Terra vista como uma única comunidade" (Gadotti, 2000, p. 201). Essa compreensão constata as contribuições da Ecopedagogia para a construção do conhecimento e para a formação de professores/as e educadores/as ambientais, tendo em vista a instituição de ensino que estão vinculados/as, que prioriza a Educação Ambiental.

Com a conclusão dessa pesquisa, enquanto encaminhamentos, pretende-se que mais círculos ecopedagógicos sejam realizados, com docentes, no sentido de formação continuada. Também promover diálogo com acadêmicos/as na formação inicial de professores/as, com o intuito de fomentar práticas ecopedagógicas. É possível difundir a Ecopedagogia e suas práticas em todos os níveis de ensino, bem como para a sociedade, em geral, tendo em vista que a Ecopedagogia se preocupa com a formação integral do ser humano e promove aprendizagens para cuidar da vida na Terra, uma vez que ela

“não é um ser estranho e distante; é nossa casa, é o lugar onde vivemos e convivemos” (Gutiérrez; Prado, 2013, p. 134).

Considerando essas questões como contribuições significativas da Ecopedagogia para a formação docente — evidenciadas nas práticas e reflexões apresentadas pelos/as participantes do Círculo Ecopedagógico —, ressalta-se a necessidade de ampliar os espaços de debate, de aprofundar as investigações científicas e, principalmente, de consolidar práticas educativas orientadas pelos princípios ecopedagógicos. Tal perspectiva implica o fortalecimento de um compromisso coletivo voltado à “resolução dos problemas globais, pelo manejo específico da mudança e pela jubilosa celebração da vida” (Gadotti, 2000, p. 210).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa Edições, 70, 1977.

BOFF, Leonardo. **Ecologia:** grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra. Edição Revista e Ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DICKMANN, Ivo. 30 anos da Ecopedagogia: breve ensaio sobre origem e reinvenção. **RevistAleph**, n. 39, 15 dez. 2022. Disponível em https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/55892 Acesso em 11/07/2023.

DICKMANN, Ivo. *et al*. Ecopedagogia e Educação Ambiental: entre a essência e a realidade. In: SILVA, José Bittencourt da; CAMPOS, Marília Andrade Toraltes (Orgs.). **Educação Ambiental:** estudos de revisão do campo no Brasil. Curitiba: Appris, 2022.

DICKMANN, Ivo; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Educação Ambiental Freiriana.** Chapecó: Livrologia, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 69ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**.3ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

NEPOMOCENO, Taiane A. Ribeiro; LINDINO, Terezinha Correa. Práticas Educativas Ambientais Formais sob o olhar da Ecopedagogia. In: **Revista Pleiade**, v. 13, n. 28, 2019. DOI: https://doi.org/10.32915/pleiade.v13i28.542